



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

JEYSSI LUIZA NASCIMENTO SANTOS

PERFORMANCE DO AFETO:
Cartas de uma professora negra

MACEIÓ
2022

JEYSSI LUIZA NASCIMENTO SANTOS

PERFORMANCE DO AFETO:

Cartas de uma professora negra

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção de título de Licenciada em Dança.

Orientador (a): Profa. Dra. Joyce Barbosa.

MACEIÓ

2022

Catlogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário Responsável: Valdir Batista Pinto – CRB - 4 –
1588

S237p Santos, Jeyssi Luiza Nascimento.
Performance do afeto: cartas de uma professora negra /
Selma Alves da Cunha. – 2022.
41 f.

Orientador: Joyce de Matos Barbosa.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura
em Dança) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências
Humanas Comunicação e Artes. Maceió.

Bibliografia: f. 39-41.

1. Arte do movimento. 2. Dança. 3. Educação. I. Título

CDU: 793.3

Folha de Aprovação

JEYSSI LUIZA NASCIMENTO SANTOS

PERFORMANCE DO AFETO:

Cartas de uma professora negra

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção de título de Licenciada em Dança.

Orientador (a): Profa. Dra. Joyce Barbosa.

Aprovado em 20 de Dezembro de 2022.

Banca Examinadora

Profª Dra Joyce de Matos Barbosa (orientadora)

Profº Me. Maurício Barbosa Lima

Profª Ma Isabelle Pitta Ramos Rocha

AGRADECIMENTOS

À Deus pela vida e a Nossa Senhora Aparecida que esteve comigo em todos os momentos.

À minha Mãe Ceíça por ser minha maior incentivadora me fortalecendo para realizar os meus sonhos.

Ao meu filho de quatro patas Adam Lincon que aqueceu meus pés, lambeu as minhas lágrimas e esteve comigo durante a escrita do trabalho.

Ao meu companheiro de vida e amor Silvano Ádison que durante a graduação sempre lembrava de fazer minha quentinha do almoço e me levar no espaço cultural.

Aos meus amigos irmãos Fernanda Magri, Jaqueline Viana, Rafael Otoni e Luiz Henrique que me apoiaram quando decidi ingressar no curso me mudando para para Maceió.

À turma de licenciatura em dança do período 2017.1 que com seus exemplos de vida me motivaram a não desistir.

À Clarice, Aldo e Nicinha, a família nordestina que me acolheu e me apoiou quando precisei, nunca esquecerei de vocês.

À minha Zezinha, Mãe Zeza, Maria José Santos Dias, artista incrível que me acolheu, protegeu e cuidou de mim como filha quando me aceitou como hóspede em seu quarto na Residência Universitária Alagoana.

A todos os meus professores que de alguma forma contribuíram para a escrita deste trabalho.

À minha orientadora Joyce Barbosa por me acolher em meio ao turbilhão de desafios durante a pandemia, por me presentear com o livro Cartas a uma negra de Françoise Ega e me apresentar o professor-performer Mauricio Barbosa de Lima durante nossa “indisciplina” dança na escola.

RESUMO

A presente pesquisa se configura em um relato de campo, permeado por poesia, sons, movimento, dança e improvisação, a partir das vivências e transcendências de uma mulher negra de 29 anos que há 20 anos mergulha no movimento artístico da dança, e agora questiona a si mesma sobre ser uma professora/performer que se inspira em tudo e todos. Com a leitura do livro *Cartas a uma negra* (2021) de Françoise Ega, e *Ensaio sobre a prática desviante do Professor-Performer no cotidiano escolar* (2018) de Maurício Barbosa de Lima, buscando relacionar o ser híbrido imbuído de suas percepções sobre as práticas pedagógicas, relatando através de cartas os trajetos percorridos que a levam a se descobrir como uma professora/performer. São cinco cartas destinadas ao passado, presente e futuro. E por que cartas? Porque elas aproximam e revelam o quanto você é importante, também considero uma prática livre de expressão, onde a escrita se aproxima por ser simples e objetiva. Ressalto que os trechos do diário de bordo, as cartas e os poemas estão na fonte itálica para dar destaque à escrita do texto. Desta forma, o trabalho tem uma configuração diferente onde os capítulos são transformados nas cartas nas quais explico para o leitor as reflexões que faço conectando os autores referenciados como grandes inspirações que me mostram o caminho para ser uma professora-performer.

Palavras-Chave: Dança-Educação. Professor-Performer. Arte-Educação. Arte-Docência.

ABSTRACT

This research is configured in a field report, permeated by poetry, sounds, movement, dance and improvisation, based on the experiences and transcendences of a 29-year-old black woman who has been diving into the artistic movement of dance for 20 years, and now questions herself about being a teacher/performer who is inspired by everything and everyone. With reading the book *Cartas a uma negra* (2021) de Françoise Ega, e *Ensaio sobre a prática desviante do Professor-Performer no cotidiano escolar* (2018) de Maurício Barbosa de Lima seeking to relate the hybrid being imbued with her perceptions about pedagogical practices, reporting through letters the paths taken that lead her to discover herself as a teacher/performer. There are five cards for the past, present and future. And why cards? Because they bring you closer and reveal how important you are, I also consider a practice free of expression, where writing is closer because it is simple and objective. I emphasize that the excerpts from the logbook, the letters and the poems are in italic font to highlight the writing of the text. In this way, the work has a different configuration where the chapters are transformed into letters in which I express to the reader the reflections that I make, connecting the authors referred to as great inspirations that show me the way to be a teacher-performer.

KEY WORDS: Dance- education; Professor-performer; Art- education; Art- teaching.

SUMÁRIO

Saudades de Mim Mesmo - A Primeira Fissura	7
Carta 1: Quem Sou?	10
Carta 2: Ao Sul de Tudo	12
Carta 3: Relato de Experiência: Um Olhar Sensível	20
Carta 4: A Arte de Ser Docência	29
Carta 5: De Discente para Docente	35
Colapsar: A Revelação Final	37
REFERÊNCIAS	39

Saudades de Mim Mesmo - A Primeira Fissura

Como um desaguar do rio no mar ou o mar no rio em simbiose as palavras sopram na minha cabeça, as dúvidas como as margens podem me amedrontar, as tempestades ao me ensinar, são as velas acesas das perguntas que clareiam o mar. Nada mais importa ao sanar, correnteza, ar e luz ao me salgar. Estou em prantos, verdes rios, negros a brilhar, são espelhos da alma, leves a soprar, as maravilhas da vida, coisas vividas eu quero mostrar. (Diário de bordo, 24/10/2021)

A presente pesquisa se configura em um relato de campo, permeado por poesia, sons, movimento, dança e improvisação, a partir das vivências e transcendências de uma mulher negra de 29 (vinte e nove) anos que há 20 (vinte) anos mergulha no movimento artístico da dança, e agora questiona a si mesma sobre ser uma professora/performer que se inspira em tudo e todos.

Com a leitura do livro *Cartas a uma negra* (2021) de Françoise Ega, e *Ensaio sobre a prática desviante do Professor-Performer no cotidiano escolar* (2018) de Maurício Barbosa de Lima, busco relacionar o ser híbrido imbuído de suas percepções sobre as práticas pedagógicas, relatando através de cartas os trajetos percorridos que a levam a se descobrir como uma professora/performer.

Desta forma, o trabalho tem uma configuração diferente onde os capítulos são transformados em cartas nas quais explico para o leitor as reflexões que faço conectando os autores referenciados como grandes inspirações que me mostram o caminho para ser uma professora-performer.

As cartas são destinadas ao passado, presente e futuro, com destino aos professores que me formaram, aos estudantes que estão me esculpindo e aos futuros professores licenciados em dança pela Universidade Federal de Alagoas (que são os discentes do curso). E por que cartas? Porque elas aproximam e revelam o quanto você é importante, também considero uma prática de livre expressão, onde a escrita se aproxima por ser simples e objetiva. Ressalto que os trechos do diário de bordo, as cartas e os poemas estão na fonte itálica para dar destaque à escrita do texto.

O poema, as cartas e o diário de bordo são expressões de lembranças que movem, posso relatar experiências e sentir as mesmas sensações que reverberam em mim, pois a minha compreensão passa pelo físico, proporciona uma emoção e

causa um pensamento. São peculiaridades que observo como uma movedora curiosa que explora cuidadosamente cada ação e reação.

A primeira carta “Quem sou” é destinada para A Dança onde contextualizo os caminhos da vida e como a dança molda quem sou e a minha realidade, assim como a escritora Eça (1920-1978). Ao escrever as cartas busco o encontro comigo mesma e com a minha arte, nesse processo complexo de reconhecer-se arte-educadora e de buscar caminhos efetivos para tal realização.

Já a segunda carta “Ao Sul de tudo” é destinada para os discentes e futuros egressos do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde me questiono: O que o egresso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas pode fazer? Na busca pelas respostas cercada de dúvidas, caminho para mais uma questão: Como me tornar uma professora-performer? A partir desses questionamentos percorro as pistas deixadas por Mauricio Barbosa de Lima em sua pesquisa. Ao longo da escrita demonstro as pistas sobre o professor-performer e o que elas reverberam em mim com o intuito de responder às questões acima citadas.

A terceira carta “Relato de experiência: um olhar sensível” é destinado aos meus estudantes, é um convite para a reflexão acerca do movimento-palavra e seu poder, através dos pensamentos das autoras Djamila Ribeiro, Gayatri Chakravorty Spivak e Grada Kilomba. Escrevi este trabalho em movimento-fala, expondo a luta que é ser quem sou. Nessa carta apresento o relato do projeto videoarte associado com as pistas sobre o professor-performer em relação às disciplinas do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal de Alagoas.

Na quarta carta “A Arte de ser Docência” escrevo para os meus professores desde o ensino fundamental até a graduação. Nesta carta, relembro acontecimentos que me trouxeram até aqui uma pesquisadora e futura licenciada em dança pela Universidade Federal de Alagoas, com tantas lembranças volto o olhar para responder uma das questões que me motivaram a escrever a partir das pistas do professor-performer Mauricio Barbosa de Lima relacionando uma delas com o livro *Pedagogia da Autonomia* (2004) de Paulo Freire. Também apresento a arte-docência com o recorte do projeto político pedagógico da escola que lecionei e das habilidades do currículo paulista, articulados com a visão de Daniel Munduruku sobre ser educador em seu livro: *Sobre saberes e utopias* (2020).

Já na quinta carta “De discente para docente” destinada para mim, convido uma das estudantes que fizeram parte do projeto videoarte para escrever sobre o processo relatando como foi vivenciar essa “tática para afirmar a vida”.

Concluindo com "Colapsar: a revelação final", escrevo os meus devaneios acerca das afetações que vivenciei no decorrer da escrita, as afirmações de vida que considero importantes para serem compartilhadas.

Carta 1: Quem Sou?

De: Jeyssi

Para: A Dança

Contextualizando, a vida dançante me proporcionou muitos anos de vivências, aos oito anos eu conheci a sala de dança, ouvi meus primeiros 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8... fazer um recorte de algo tão grandioso se torna muito difícil, não paro de imaginar o tanto de possibilidades que encontro na dança, com a dança e para a dança. Hoje, aos 29 anos, eu ainda não sei explicar o quanto eu sou dança.

Nascida na família de retirantes, minha mãe migrou de Fortaleza - CE para São Paulo aos 18 (dezoito) anos de idade, e meu pai filho de cigano nasceu no estado do Paraná, foi para Alagoas e passou sua infância e adolescência em Arapiraca no interior do Estado, depois de muitas idas e vindas na juventude fixou-se em São Paulo. Quando nasci eles já estavam estabelecidos em Araraquara, interior do Estado de São Paulo.

Moradora da periferia da cidade, estudante de escola pública e com poucas oportunidades de vivenciar a cultura e arte local, tive meu primeiro contato com a dança aos 8 anos de idade, quando participei da seleção para ingressar na escola municipal de dança Iracema Nogueira¹, recentemente inaugurada no ano de 2002.

Ao adentrar no universo artístico toda a minha história de vida se constituiu a partir do movimento da dança. Por isso, desde que eu me entendo por “gente” ela sempre esteve no âmago da minha existência.

Araraquara, 15 de outubro de 2022.

A escolha em cursar a graduação em Licenciatura em Dança não aconteceu por acaso, foram caminhos percorridos entre ser aprendiz, intérprete e criadora que me fazem sentir a necessidade de buscar sempre mais conhecimento nesse íterim percebo o que me impulsiona é a dança contemporânea como “o contemporâneo na

¹ A Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”, idealizada por Gilsamara Moura, é o sonho materializado de qualquer cidade. Ela é o coração pulsante, vibrante, de uma cidade que inspira arte e transborda transformação social. Uma escola que efetiva a frase: DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA! Por duas décadas, essa escola segue mudando as vidas dos estudantes que ali estiveram e as/os/os que chegarão. (FACEBOOK: ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA IRACEMA NOGUEIRA (2022)).

dança reflete uma visão particular de mundo e não se restringe a um único modo de composição no corpo e na cena” (XAVIER, 2011, p. 35).

Nesse encontro entre ser dança entendo que a licenciatura é importante na investigação de uma futura profissional, pois como a autora Jussara Xavier em seu texto: O que é dança contemporânea? (2011) demonstra que a dança:

“Não cansa de interrogar e criticar seus contextos: arte e vida. Localizada num território sem leis fixas, modelos e convenções imutáveis, a dança contemporânea desenha linhas que antes de dividir, apontam outros caminhos de pesquisa e significação.” (XAVIER, 2011, p. 35).

Por isso me questiono o que uma egressa do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas pode fazer? Qual a minha contribuição para a sociedade enquanto profissional da dança?

A partir desses questionamentos escrevo as cartas refletindo sobre os caminhos que me levam ao encontro comigo mesma, com a minha arte e com a minha profissão, descrevo esse processo complexo de reconhecer-se arte-educadora e de buscar caminhos efetivos para tal realização.

Françoise Ega (1920-1976) sem jamais imaginar, me inspira a escrever as cartas quando escreve:

“Quem vai se interessar por histórias de negros? Eu poderia ter desanimado. Mas, Carolina, vejo você escrevendo à luz de vela, sem a presença de ninguém para lhe dizer que tipo de mamoeiro você é, me debruço então sobre uma nova página e a encho de realidade.” (EGA, 2021, p. 33).

Com o lápis na mão e a realidade em minha volta, permaneço escrevendo para vocês...

Carta 2: Ao Sul de Tudo

De: Jeyssi

Para: *Futuros egressos do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)*

Sejamos sinceros, somos o sul. Nós temos que nos reafirmar enquanto estudantes dotados de potencialidades. Durante a maioria do tempo como discente da UFAL, me questionava se estava preparada para realizar as atividades acadêmicas e não estava, não estou. Calma, vou explicar porque cheguei a essa conclusão.

Vamos voltar, quando éramos bebês e queríamos explorar a nossa volta ou pegar aquele brinquedo, fomos nos movendo, nos arrastando até conseguirmos engatinhar. Já criança me recordo de um episódio onde eu estava aprendendo a andar de bicicleta e apesar de ter uma no tamanho ideal para mim, eu queria me desafiar a andar na bicicleta de adulto do meu irmão, a rua estava cheia de crianças e as famílias no fim da tarde, meu pai o incentivador me colocou em cima e mandou eu pedalar e quando quisesse parar era só me aproximar da guia da calçada e segurar na árvore em frente de casa, assim eu fiz, porém não consegui me equilibrar e caí do outro lado, todos que estavam na rua riram eu chorava e ria também.

Talvez, nessas situações eu não estivesse preparada, mas com certeza eu estava motivada a encarar o desafio, essa motivação me impulsionava a levantar todos os dias e ir para as aulas, ingressar nos projetos de extensão e em grupos de pesquisa, fazer as atividades e a viver uma vida acadêmica.

Sem romantizar os desafios, escrevo como uma mulher preta, periférica, estudante de escola pública que ingressou na universidade pública pelas cotas, deixou a sua cidade natal, sua família, seus amigos e um emprego para buscar um sonho de ser a primeira da família a conquistar um diploma no ensino superior. Eu cheguei em Maceió-AL sozinha, sem conhecer nada nem ninguém, nos primeiros três meses consegui um auxílio-emergencial, morei quatro meses dividindo aluguel e tentei trabalhar a noite em um lanchonete para pagar as contas e me manter, já que não pude ter ajuda da minha mãe a provedora do lar.

Depois desse período sem conseguir conciliar trabalho e estudo, tive a oportunidade de morar de favor, durante quase um ano, uma paulista foi acolhida

pela família nordestina que deu casa, alimentação, ajuda financeira e foi um incentivador para que eu lutasse por esse sonho. Nesse período, busquei as bolsas, primeiro a bolsa de extensão do corpo cênico de dança, uma conquista que alimentou o meu sonho.

Conquistei também a bolsa de iniciação científica (PIBIC) e com a ajuda de pessoas incríveis fui acolhida como hóspede na residência universitária, onde descobri o poder dos estudantes, ali aprendi a compartilhar e viver em grupo, também passei a ter o direito à alimentação, eram quatro refeições para os moradores da R.U.A (Residência Universitária Alagoana).

Apesar de ter alcançado tudo isso, os desafios pareciam intermináveis, pois quase sempre eu tinha que pegar o primeiro ônibus para ir até o espaço cultural, onde eram as aulas do curso, e não conseguia tomar café da manhã que começava a ser servido depois, também dependia das pessoas para pegar a “quentinha” do almoço, pois não chegava a tempo para comer no restaurante, isso quando eu voltava para o campus A.C. Simões, pois a extensão era durante a tarde.

Bom todo esse relato soa como um desabafo, porém encarem como um motivador, porque são pessoas com experiências semelhantes que estão fazendo esse curso, e por isso com meu lugar de fala que escrevo que não estamos preparados, somos o sul de tudo, são nossas experiências o que vivenciamos que nos motiva a seguir e resistir, o curso de licenciatura em dança da UFAL é impulsionador de potências em todas as áreas de atuação, somos preparados para criar, performar e ser quem quisermos onde e como quisermos, posso afirmar que somos capacitados a realizar sonhos, seja o nosso quanto daqueles que se espelham em nós.

Araraquara, 22 de agosto de 2022.

Logo após escrever a carta acima eu entrei na sala de aula e o poema abaixo foi escrito depois de passar por um momento de raiva e frustração, como consequência de uma exaustão física e emocional de um dia repleto de desafios, onde a fala é sufocada pela gritaria da sala de aula.

Os estudantes chegam, pegam o celular e compartilham informações entre si, riem, dialogam, fazem piadas sobre a aula, não se importam com a proposta, na verdade não querem saber de mais nada. Depois de elaborar a aula, pensar na atividade e nas alternativas de outros exercícios, escrevi:

SAL, TERRA, AR
As lembranças do agora que vou provar
São tempos em tempos
Povoar a mente, se fazer presente em todo lugar
É indivisível ser UM
Membro de partes particular
Em tempos e tempos eu vou voltar
Lembranças de mim mesmo
Simultaneamente, brotam
Aterrando momentos fincando raízes
Na superfície da terra, sal e ar.

Araraquara, 22 de agosto de 2022.

O poema e carta suscitam a reflexão sobre os termos utilizados na fundamentação teórica acerca da pesquisa feita durante as proposições em sala de aula, inicialmente aguçando meu olhar para as pistas descritas na dissertação de Maurício Barbosa de Lima *Ensaio sobre a prática desviante do professor-performer no cotidiano escolar*, me permitindo vivenciar através da leitura um momento de autoconhecimento em movimento e no silêncio da solidão apesar do barulho da mente ocupada que me faz agir, num estalo uma grande inspiração para minha existência.

Reflieto: O que o egresso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas pode fazer? Na busca pelas respostas cercada de dúvidas, caminho para mais uma questão: Como me tornar uma professora-performer? A partir desses questionamentos percorro as pistas deixadas por Lima. Ao longo da escrita demonstro as pistas e o que elas reverberam em mim com o intuito de responder às questões acima citadas.

De início, o autor nos convida a entender as pistas como uma prática em deslocamento de forma singular e demonstra as tendências dessa postura, ou seja, essas pistas são uma forma de organizar elementos, atitudes e procedimentos, porém é importante destacar que “acompanhar esse movimento é desafiador [...] inquietante e estimulante, pois acredito que ela é um convite para repensar abordagens metodológicas e conceituais” (LIMA, 2018, p.13).

Em deslocamento não linear percorro o texto buscando conexão com a minha proposta de pesquisa, sinto que estou vivenciando uma performance, pois a leitura me faz reagir com tremores e arrepios a cada parágrafo, como Lima (2018, p.17) me revela que: “ pensar arte e educação seja uma matéria viva”, tão ardente que a ponto de mover “com relação ao acontecimento como elemento essencial à performance”, então, “a contribuição da performance nesse sentido é valorizar as microrelações cotidianas que ocorrem no encontro entre educandos e educador. Esses encontros produzem novos deslocamentos que refazem o percurso de uma aula.”

Nas páginas 18 (dezoito) e 19 (dezenove) , Maurício B. Lima (2018) apresenta, pelas reflexões de Naira Ciotti, o professor- performer Alemão Joseph Beuys (1921-1986) que diz uma de suas famosas frases: “ser professor é minha maior obra de arte” e Ciotti continua: “quem quer aprender e quem quer ensinar devem ficar juntos”. (2018, p. 18-19). A partir dessas afirmações as vozes se cruzam entre o que é e o que deveria ser da realidade escolar da qual pertencem.

Nesse momento me questiono: como posso fazer do meu trabalho docente uma obra de arte? E como agir diante dos estudantes que não querem aprender? São problemas evidentes dos quais não tenho uma solução exata, pois os estudantes em sua maioria não querem participar, quando são questionados reagem de forma abrupta, sentem dificuldade de parar, prestar atenção, ouvir, fazer, e principalmente criar.

Dando continuidade à Pista 1 - sujeito desviante, a princípio me faz refletir sobre a vida e os desvios que as oportunidades nos revelam, por exemplo, quando estava na quarta série do Ensino Fundamental I, aos oito anos de idade um grupo de pessoas fantasiadas de palhaços e princesas visitaram a escola para divulgar o novo projeto de arte e cultura do município, era uma escola de dança chamada Iracema Nogueira.

O convite foi uma oportunidade que minha mãe aceitou e me levou para conquistar uma vaga nessa escola, depois de um processo seletivo ingressei no universo das artes e me apaixonei pela dança. Como um lugar que não planejei ir, estar na escola como estudante já me levou ao encontro do desvio, assim Lima diz:

Nessa retroalimentação encontro o que chamo de desvio, ou seja, lugares que não planejei ir, mas que ao perceber a sala de aula como um espaço de experimentação, acabo sendo levado a vivenciar o “fugir do roteiro”, “lidar com o desconhecido”. Seria o que eu chamo de primeira pista sobre o professor-performer: um sujeito desviante. (LIMA, 2018, p. 21).

No passado experienciei o resultado de um fazer desviante, pois sem saber o convite foi feito por professores que hoje posso considerar professores-performers que fugiram do roteiro e como sujeitos desviantes abriram portas para muitas crianças que não tinham o contato com as linguagens das artes e nunca experimentaram estar no teatro, museus e exposições artísticas.

A reflexão sobre o texto, também me propicia pensar sobre as minhas práticas como professora em desenvolvimento. Ao ingressar na rede pública do estado de São Paulo no último bimestre, eu deveria seguir o currículo planejado anteriormente, porém me foi dada a possibilidade de trabalhar um projeto que estivesse ligado às habilidades já pré-definidas para o último bimestre do ano letivo de 2021. De modo que essa oportunidade fez com que eu pudesse intervir na dinâmica escolar, como o autor escreve:

Assumir a aula como um momento onde posso desviar de um percurso retilíneo que apresenta de onde partir e para onde devo chegar, possibilita apostar nas microrrelações, acreditando que elas nos estimulam dar visibilidade à multiplicidade dos acontecimentos. (LIMA, 2018, p.25).

As relações foram se estabelecendo, e a partir das minhas percepções busquei lugares de encontro para experimentar o diferente. No decorrer da leitura o autor me envolve nos braços quando diz que:

Performar com os educandos o cotidiano escolar e os instrumentos de controle é ver a sala de aula como um lugar de experimentação. Esse é um fator importante para mim, pois como docente tenho a responsabilidade, dentre outros deveres, de: controlar a sala, estimular a participação das atividades, oferecer objetivos de aprendizagem importantes para o desenvolvimento humano, diagnosticar o desempenho escolar dos alunos. Quando enrijeço essas ações, sem problematizá-las, acabo despotencializando minha prática artística. (LIMA, 2018, p. 25).

Entendo que a minha prática artística deve se relacionar com a minha prática pedagógica. A partir do texto, me questiono: Como encontrar esses lugares de encontro para que a arte e a educação conversem? Lima (2018, p.28). apresenta as táticas e estratégias: “as táticas do professor-performer produzem uma prática desviante, jogando com as estratégias”. Abordaremos na próxima carta quais são as estratégias que desenvolvi com os estudantes para experimentar um fazer desviante.

A pista 2 - abertura ao outro. Passa pela minha compreensão de que eu como pessoa artista da dança e professora quero ser e fazer, o que me proponho a ensinar, sem deixar de ser aprendiz. Ao ler o texto fiz uma conexão com a educação

somática e a sistematização da Técnica de Klauss Vianna desenvolvida pela artista e pesquisadora Jussara Miller, em seu livro “*A escuta do Corpo*” (2007), onde ela nos apresenta os três estados de atenção (com o seu corpo, com o espaço que está ocupando e com o outro que compartilha o mesmo espaço).

O despertar sensorial vai trazendo o aluno para o mundo do aqui-agora, instaurando um corpo vivo e atento: Antes, durante e depois dos exercícios, durante a pesquisa de movimentos, todo o tempo éramos instalados a manter o estado de atenção em relação ao o que ocorria em nosso corpo e à nossa volta. Esse corpo presente possibilita o estado “ao vivo”, ou seja, do corpo vivo, espontâneo e atento aos acontecimentos e sensações do tempo presente. É como se pedisse em voz ativa, presente: *Desliguem o piloto automático!* (MILLER, 2007, p.61-62).

A partir da tríade atenção, observação e presença, apresentada por Miller na escuta do corpo, desperto o movimento e estabeleço ações que modificam o que é comum de uma sala de aula como sentar, abrir o caderno, ler, escrever, ouvir passam a ser secundários ao mover, levantar, caminhar, respirar com atenção, tocar o corpo, alongar e mobilizar as articulações. Nesse ínterim, Lima (2018, p.28) fala “nessa pista, encontro a possibilidade de estar atento às novas proposições que cada turma me apresenta”, são momentos de escuta onde proponho novas experiências em sala de aula e o estudante também oferece algo, de forma que:

O professor-performer tem seu fazer potencializado quando os educandos trazem “o que sabem fazer”, criando conjuntamente um ambiente em que a coletividade reúne esforços sem perder de vista a singularidade de cada indivíduo. (LIMA, 2018, p.29).

Por fim, na pista 3 - táticas para afirmar a vida, o autor revela o jeito de ser, as práticas de todos os dias que podem ser consideradas performances, uma pista que me deixou inquieta a investigar:

Essa pista exerce uma importância considerável no meu fazer dentro e fora da escola, pois ela permite a percepção de que a prática do professor-performer não apenas está presente quando ministro aulas de performance. Não basta também atuar como docente e performer sem promover o encontro entre esses lugares. Acredito que há algo mais que me leva a ser esse sujeito híbrido, mesmo quando não estou falando explicitamente sobre performance dentro de uma instituição de ensino formal ou informal. Esse algo mais tem um diálogo mais intrínseco com o que Naira chama de “minha teoria” (informação verbal). Em outras palavras, poderia ser um “jeito de ser” que cada professor-performer mantém como um marco de sua singularidade. (LIMA, 2018, p.37).

Dessa maneira, essa pista é o ponto alto para eu iniciar minha investigação sobre o meu jeito de ser e minha singularidade dentro e fora da sala de aula, avançando com as propostas pedagógicas e artísticas estabelecendo relações e buscando fazer um trabalho autêntico com uma troca movente de saberes,

interesses e conhecimentos. Para afirmar a potencialidade de um professor-performer da arte e dança, o Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas,² no item 3.1 Histórico do Curso, nos apresenta no primeiro parágrafo o seguinte:

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de número 9.394/96, em dezembro de 1996, também conhecida como Lei Darcy Ribeiro, o ensino da Arte, em suas quatro linguagens – Dança, Teatro, Música e Artes Visuais, passou a se constituir componente curricular obrigatório da Educação Básica. Com essa Lei, as universidades tiveram que ampliar seus cursos de licenciatura, na área das artes, para preparar arte-educadores aptos para trabalharem os conteúdos específicos de cada uma das linguagens artísticas dentro da escola. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2019).

A partir da lei citada acima, e inspirada nas palavras de Darcy Ribeiro³ ao ser entrevistado, em 1995, no Programa Roda Viva, quando questionado porque ele disse que tem “saudades de mim mesmo”, Ribeiro responde:

Isto, cada vez que eu vejo imagens dessas que me colocam nas posições que eu ocupei eu fico com saudades, por que eu não fiquei ali? [...] a minha vida é uma variação constante, eu sou um homem inconstante. (RODA VIVA, 2019).

Diante disso, ressoa em mim um reconhecimento de uma professora inconstante, que permanece na busca para fazer da aula, uma obra de arte. Nesse entremeio, atuei como pesquisadora que fez parte do processo não apenas observando, mas vivenciando-o constantemente ao longo da formação acadêmica, e também como professora das aulas de artes, na qual teve como metodologia a prática pedagógica, as leituras e discussões, e as impressões demonstradas pelos estudantes. Neste sentido, se constrói esta pesquisa em um constante trânsito entre prática e reflexão que se organiza em um cronograma de trabalho.

Trata-se de uma Pesquisa de Campo de natureza qualitativa, conforme afirma o autor Antônio Carlos Gil:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar

² O Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Dança foi elaborado com o objetivo de reformar seu conceito pedagógico e suas metodologias de aprendizagem, adequando-o à legislação vigente e às novas demandas surgidas no contexto da Educação Superior no Brasil nos últimos anos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2019).

³ Darcy Ribeiro, antropólogo, educador e romancista, nasceu em Montes Claros (MG), em 26 de outubro de 1922, e faleceu em Brasília, DF, em 17 de fevereiro de 1997. Eleito em 8 de outubro de 1992 para a Cadeira nº 11, sucedendo a Deolindo Couto, foi recebido em 15 de abril de 1993, pelo acadêmico Candido Mendes de Almeida. (BIOGRAFIA, 2022).

suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. (GIL, 2002, p.53).

Portanto, a pesquisa se configura como um relato de campo onde as impressões da pesquisadora se articulam com a contribuição do relato de experiência da estudante. Foram utilizados os seguintes procedimentos técnicos para a coleta e análise de dados: levantamento, leitura e análise do material bibliográfico; coletar cartas com os alunos do Ensino Médio da escola estadual de São Paulo.

CARTA 3: Relato de experiência: um olhar sensível

De: Jeyssi

Para: Meus estudantes

Hoje é um dia de mobilização, estou escrevendo para não esquecermos esse ato. Vocês se reuniram para protestar contra o crime de racismo, ocorrido há alguns dias. Ver a sala vazia preenche meu coração de esperança, eu também gostaria de estar ao lado de vocês, para gritar e unirmos forças e energia, porém não posso sair da sala de aula, estou em horário de trabalho, mas meus pensamentos, minha energia está com vocês.

Como mulher negra, como artista da dança e professora de artes sinto-me transcendendo, com esse movimento uma paralisação ou passeata, seja uma manifestação por escrito, uma denúncia, todas as ações são potentes. Todos vocês são faíscas que abrasam meu corpo que movem o desejo de ser professora/educadora, profissional da educação, artista e professora-performer.

Este ato performático grita por mudanças, no mundo perigos, o risco que fere a segurança, surge uma força de esperança. Entre caos e indignação, busca a salvação. Humano é aquele que se coloca no lugar do outro, há um novo mundo, uma nova chance?

Sejam portadores de esperança.

Arrepiando-me ao ouvir o canto de guerra, que essa geração se una e lute por seus direitos.

Araraquara, 23 de setembro de 2022.

Esta carta, destinada aos meus estudantes, é um convite para a reflexão acerca do movimento-palavra e seu poder. Com base na leitura de mundo observando as realidades presumo que as relações se estruturam a partir do mover dançante que trepida com a força avassaladora das violências epistêmicas enfrentadas diariamente por ser quem sou, nessa linha tênue o embate pode

aprisionar ou revelar um lugar de fala que supera continuamente as realidades dessa posição.

Nesse sentido “pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia[...]” (RIBEIRO, 2017, p. 50). A autora Djamila Ribeiro⁴ revela em seu livro *O que é: lugar de fala?* (2017), um fazer performático que associa com ser professora e mulher negra, artista, estudante e pesquisadora da dança que busca em seu fazer pedagógico um movimento súbito anticolonial com lugar de fala, do mesmo modo que os estudantes ao se unirem à causa antirracista.

Devo citar, também, a contribuição de Gayatri Chakravorty Spivak⁵ que em seu livro *Pode o subalterno falar?* (1942) responde [...] “O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso na lista de prioridades globais. (SPIVAK, 2010, p. 64). Cito também Grada Kilomba⁶, autora do livro *Memórias da Plantação Episódios de Racismo Cotidiano* (2019) quando ela afirma que:

Ao argumentar que a subalterna não pode falar, ela não está se referindo ao ato de falar em si; não significa que nós não conseguimos articular a fala ou que não podemos falar em nosso próprio nome. A teórica em vez disso, refere-se à dificuldade de falar dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo. (KILOMBA, 2019, p. 47).

O movimento-fala descrito na carta aos estudantes acontece por efeito da luta que nós enfrentamos diariamente contra o racismo e entender essa guerra, também é um passo para me tornar professora-performer.

Sucintamente, as citações de grandes mulheres e inspirações diárias que menciono acima são importantes por exercer na minha busca de autoconhecimento

⁴ Djamila Ribeiro nasceu em Santos, em 1980. É professora da PUC-SP, colunista do jornal Folha de S.Paulo e coordena a coleção *Feminismos Plurais*, da editora Pólen. É autora de *O que é lugar de fala* (2017), *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018) e *Pequeno manual antirracista* (2019), que já venderam mais de 500 mil exemplares. (RIBEIRO, 2022).

⁵ Gayatri Chakravorty Spivak (24 de fevereiro de 1942, Calcutá) é uma crítica e teórica indiana, mais conhecida por seu artigo “Can the Subaltern Speak?”, considerado um texto fundamental sobre o pós-colonialismo, e por sua tradução de *Of Grammatology* de Jacques Derrida. Spivak leciona na Columbia University, na qual atingiu o mais alto nível do corpo docente em março de 2007. Erudita prolífica, ela viaja e ministra palestras por todo o mundo. É membro-visitante do *Centre for Studies in Social Sciences* de Calcutá. (SPIVAK, 2016).

⁶ Grada Kilomba é uma artista interdisciplinar, escritora e teórica, com raízes em Angola e São Tomé e Príncipe, nascida em Lisboa, onde estudou psicologia e psicanálise. Na esteira de Frantz Fanon e bell hooks, a autora reflete sobre memória, raça, gênero, pós-colonialismo, e a sua obra estende-se a performance, encenação, instalação e vídeo. (KILOMBA, 2022).

um entendimento de onde estou e o que desejo ser seguindo as pistas de um professor-performer, como Lima apresenta:

Esse ensaio, ao apresentar o professor-performer como uma “prática desviante” e “abertura ao outro”, reconhece que este sujeito híbrido não se define apenas por ser um educador que ministra aulas de performance; ou um artista que trabalha com performance e ainda é educador. Sendo, também, “um jeito de ser” que interfere no cotidiano escolar a partir de um olhar “rebelde”, tensionando os processos de normatização. O lugar tradicional ocupado pelo docente (aquele que tem algo pra ensinar; que orienta, determinando os rumos a serem encaminhados) não é negado, mas “performado”. (LIMA, 2018, p. 43)

Performando um jeito de ser, depois de participar do cadastro emergencial para preencher o saldo de aulas de artes durante o último bimestre do ano letivo (2021), no dia 04 de outubro de 2021 assinei o contrato junto a diretoria de ensino do município de Araraquara-SP, onde fui inserida ao quadro de professores do estado de São Paulo por três anos.

Foram atribuídas 22 (vinte e duas) aulas livres de artes, mais 4 (quatro) aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC) e 2 (duas) aulas de Atividade Pedagógica Diversificadas (APD), no total minha carga horária foi preenchida com 28 (vinte e oito) aulas na escola Estadual Leticia de Godoy Bueno de Carvalho Lopes Profa. localizada na Av. Pedro Galeazi, 370 - Jd. das Roseiras, Araraquara - SP, sendo o início da minha experiência no campo da educação básica do Ensino Fundamental II (do 6º ano ao 9º ano) e Ensino Médio (1º, 2º e 3º série).

Apresento o relato do projeto elaborado para a 1º série do ensino médio que é dividida em três turmas, sendo elas nomeadas em: 1º série A, B e C contendo cerca de 50 estudantes por turma, relacionado com as pistas sobre o professor-performer, e também as referências das disciplinas do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal de Alagoas.

Trabalhamos no período de dez semanas com duas aulas por semana totalizando 20 (vinte) no quarto bimestre. Fazendo o recorte para a turma da 1º série A as aulas aconteciam nas terças-feiras no primeiro horário da manhã das 7h às 7h45 e nas quintas-feiras no horário das 10h20 às 11h05 após o intervalo.

As aulas foram pensadas para serem realizadas em três momentos; o primeiro é a chegada que identifico como o aguçamento da presença associado a pista 1 - sujeito desviante; o segundo momento é a parte teórica que relaciono a pista 2- abertura ao outro, finalizando com o terceiro que é a prática em relação a pista 3- táticas para afirmar a vida.

A metodologia utilizada para desenvolver a aula tem por premissa a prática do professor- performer de acordo com o que o autor diz:

O carácter multidisciplinar que a performance apresenta, leva-me a perceber que a prática do professor-performer não persegue um discurso disciplinar que tende especializar os campos artísticos. Seria um fazer que dinamiza os conteúdos, reunindo a comunidade escolar a participar de uma prática que potencializa diferentes olhares sobre dado objeto. O que parece mover o professor-performer não é a recorrência aos especialismos ou um roteiro de temas pré-definidos, mas demandas que surgem a partir da relação afetiva entre docente e discentes. (LIMA, 2018, p.18).

Dessa relação entre discentes e docente proponho ações que compartilho com o recorte do meu diário de bordo após conhecer os estudantes ao passo que realizo o autoconhecimento de uma professora-performer em desenvolvimento.

Chegança, a hora do oi, do acordar, da conexão é o momento de interligar.

Respiro, suspiro, um pulsar. Movimento da vida, não há como escapar.

Chego, falo meu nome, peço pra todos ficarem em pé, olhares desconfiados, insegurança e deboche, muito deboche. Sem problemas, vamos apenas focar em um movimento, o respirar. Antes de começar pergunto, quais são as duas coisas que nenhum ser vivo pode escapar? Entre olhares desconfiados um sussurra e diz: da morte. Os outros riem e pronunciam mais alto, da morte ninguém escapa.

Confirmo a afirmativa, porém volto a questionar, e a primeira coisa que ninguém pode escapar? São expressões de dúvida, confusão e mais uma vez deboche.

Alguém grita: da vida! Todos riem e afirmam, da vida não escapamos, eu complemento, do movimento que gera a vida não vamos fugir. É inerente à vida o movimento, somos movedores e estamos em constante movimento, mesmo quando pensamos estar parados, nossos sistemas movem, as forças exteriores movem, tudo à nossa volta move, o planeta, as águas, os animais, o ciclo da vida. (Diário de Bordo, 05/10/2021).

O momento descrito no diário de bordo foi nomeado como "chegança", uma escolha feita para aproximar os estudantes da minha prática diária como artista da dança contemporânea e professora de artes. Ao entrar na sala de aula os estudantes em sua maioria já estão sentados conversando, outros com a atenção voltada para o celular e alguns aguardando em silêncio.

A ideia é chamar a atenção para mim, então peço gentilmente que todos fiquem em pé, com os braços relaxados e sigam as minhas orientações, o objetivo é proporcionar o aguçamento da presença desenvolvendo a atenção em seus três estados (ao próprio corpo, ao espaço e ao outro) seguindo o que as autoras dizem “[...] o sujeito em estado de atenção a si, ao meio e ao outro num jogo de relações que abrem constantemente para novas percepções” (MILLER; NEVES. 2013, p. 04).

O primeiro exercício é simples, todos devem prestar atenção na respiração de forma que acompanhem o ritmo do meu comando, faço uma contagem de oito tempos para o movimento de inspirar e mais oito tempos para expirar, repetindo o circuito por três vezes.

No segundo exercício proponho uma sequência de movimentos que aprendi na disciplina de eletiva “Introdução ao *Yoga*” do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal de Alagoas no período 2020.1 ministrado pela professora doutora Joana Pinto Wildhagen que demonstra a “[...] *Yoga* é um sistema de práticas psicofísicas, éticas e espirituais, voltadas ao auto aperfeiçoamento, desenvolvido na Índia há pelo menos dois mil anos.” (WILDHAGEN, 2016, p. 46).

Fazemos a meia saudação ao sol onde em pé em *tadasana* ou postura da montanha com os braços relaxados ao longo do corpo, eu e os estudantes iniciamos o movimento ao inspirar elevando os braços para o alto, em seguida ao exalar flexionamos o corpo para frente relaxando os joelhos até que as pontas dos dedos da mão toquem no chão, deixando o pescoço e a cabeça relaxados sem tensionar distanciando os ombros das orelhas; ao inspirar novamente olhando para frente colocamos as palmas das mãos nos joelhos sem forçar; ao exalar, mais uma vez, flexionamos o tronco para frente; inspirando aterramos os pés para desenrolar alongando a coluna elevando os braços em direção do céu, finalizando ao exalar trazendo as palmas das mãos em frente ao peito em pé ou *tadasana*.

A receptividade desses dois exercícios de “chegança” no início causou alvoroço e algumas reclamações, porém o resultado desse desvio foi a participação de todos os estudantes e os relatos das sensações e emoções no decorrer da atividade foi positivo e gerou mais a atenção. Era uma novidade atraente até mesmo pelas pessoas que passavam no corredor da sala observando o que estava acontecendo dentro dela, nessa perspectiva a autora revela que:

Independentemente desses detalhamentos sobre técnicas específicas, acredito que o mais importante seja o fortalecimento de uma conexão entre o que se faz e a maneira como aquilo produz uma transformação gradual no

sujeito, levando-o ao aperfeiçoamento de si em consideração a toda uma coletividade da qual faz parte. (WILDHAGEN, 2016, p. 48).

Conseqüentemente, comecei a ser questionada por propor algo diferente, a gestão da unidade escolar interferia nas aulas pedindo para que eu colocasse ordem na classe e não permitisse que os estudantes ficassem em pé, pois estava muita bagunça. Nesse sentido, Lima diz: “Intervir na dinâmica escolar é uma das características que a performance traz à educação.” (LIMA, 2018, p. 23).

O barulho pode ter sido o motivador das intervenções, entretanto a bagunça organizada foi o momento de [...] “Atuar a partir de uma prática que possibilita uma experimentação que se desloca dos enclausuramentos burocráticos de uma instituição de ensino,” (LIMA, 2018, p. 23). Onde ao estarem sentados em silêncio voltados para frente da sala, escrevendo em seus cadernos ou desenhando é tido como requisito para a realização de uma aula harmônica e proveitosa, na qual os estudantes estarão adquirindo conhecimento através dos meus ensinamentos.

Via de regra a unidade escolar estabeleceu um mapa de classe, que configura os lugares de acordo com o comportamento dos estudantes durante as aulas, porém ao propor o momento de chegada eu tomo um desvio e revogo essa regra, pois sugiro um novo formato desses lugares. Esse desvio foi proposto a partir do diálogo com os estudantes que sempre me pediam aulas práticas fora da sala de aula por sentirem a necessidade de levantar, andar e alongar o corpo.

O segundo momento da aula é o que chamo de escuta e relaciono a pista 2-abertura ao outro, depois criar um vínculo com os estudantes propus o projeto videoarte⁷ fruto das atividades desenvolvidas no percurso das aulas de artes, onde apresentei a teoria, inspirada na disciplina Dança e novas tecnologias-prac 5 do período 2019.2, também ministrada pela Profa. Dra. Joana Pinto Wildhagen, onde busquei as referências para expor os conceitos da produção de um vídeo.

Nas duas primeiras semanas de aulas vimos como acontece a criação de um roteiro, na terceira e quarta semana as etapas de pré-produção, produção e pós-produção, e na quinta e sexta semana as técnicas de gravação como os movimentos de câmera, os planos e enquadramentos.

⁷ A videoarte, em essência, é uma obra que se utiliza do vídeo como um suporte artístico. (TUOTO, 2022).

Tendo como referência a apostila da Oficina de vídeo do Senac São Paulo⁸, a mesma que utilizei na graduação, com base no capítulo 2 (dois) Da ideia ao roteiro da página 10 (dez) até a página 15 (quinze) trabalhamos o conceito da ideia como fomentadora da pesquisa sobre o tema selecionado para a criação do videoarte, entendemos o que é *storyline* ou linha da história, vimos como se elabora a sinopse, o perfil dos personagens, o argumento e o roteiro. Propus como atividade em grupo a criação do roteiro de acordo com as etapas que aprendemos neste capítulo.

Na semana três e quatro seguimos para o capítulo 3 (três) da mesma apostila, onde foram apresentados os conceitos de pré-produção, produção e pós produção. Finalizamos a parte teórica na semana cinco e seis com o capítulo 7 (sete) Técnicas de gravação da página 52 à 57, vimos os conceitos de corte, ponto de vista, decupagem, a escala dos planos e os movimentos de câmera, entendemos que os efeitos de composição são importantes recursos de linguagem. Tendo por base os conceitos trabalhados mostrei os vídeos- Planos e enquadramentos para vídeos e a Regra dos 3 (três) terços do canal Michael Oliveira⁹ na plataforma de *streaming Youtube* para realizarmos a atividade proposta da semana que foi a fotoperformance.¹⁰

No processo de execução do projeto videoarte, após apresentar os conceitos, relacionar as vivências pessoais, propor uma vivência levando em conta o que os estudantes mais gostam de fazer, desenvolver as habilidades de gravação de vídeo e trabalhar a poética da imagem e do vídeo performado, entendo que a pista 2- abertura ao outro:

Os diferentes campos de conhecimentos evocados pelos discentes não atrapalham o ensinar e o aprender, pelo contrário, produzem uma dinâmica em que todos são aprendizes e mestres, deslocando essas funções a partir do tema a ser trabalhado. A performance entendida como um gênero artístico que se alimenta da dissolução das fronteiras, o professor-performer tem seu fazer potencializado quando os educandos trazem “o que sabem fazer”, criando conjuntamente um ambiente em que a coletividade reúne esforços sem perder de vista a singularidade de cada indivíduo. (LIMA, 2018, p. 28-29).

⁸ Tal apostila não se encontra na página de Referências por ser um material utilizado somente na disciplina Dança e novas tecnologias.

⁹ Michael Oliveira é especialista em vídeos para negócios. (OLIVEIRA, 2019).

¹⁰ Fotoperformance é uma linguagem artística híbrida na qual a performance é concebida exclusivamente para ser apresentada em fotografia. (SACCON, 2022).

Os estudantes vivenciam o uso da tecnologia diariamente, principalmente no momento da pandemia mundial do Covid-19¹¹ e dar outro sentido, em especial ao uso do celular é propiciar uma experiência onde a singularidade de cada indivíduo será evidenciada na produção do videoarte.

O terceiro momento da aula conduz para a ação que relaciono com a pista 3-táticas para afirmar a vida. Ao colocar em prática o que foi explicado na teoria movemos para realizar as atividades propostas, na semana sete e oito o tempo das aulas foi utilizado para fazer os combinados até o dia de gravação do videoarte. Nesses momentos ocorriam os relatos e com o compartilhamento de ideias foram surgindo faíscas impulsionando a criatividade, os estudantes demonstravam muito interesse, empolgados com o projeto a aula rendeu vários momentos de descontração dos quais eu sentia o poder da arte pulsar, dessa forma percebo esse projeto uma tática para afirmar a vida:

Quando dedico mais atenção às microrrelações do cotidiano escolar, intento ser essa antena de convergência-divergência que insisto em chamar de “tática para afirmar a vida”. Seriam “antenas estiradas” tentando captar algo que pode promover outros olhares sobre algo que foi tido como natural. Nas palavras de Denise Pereira Rachel (2017) um professor performer ao estar atento aos desvios, capta “entradas possíveis para instaurar um espaço de performance” (p. 10). (LIMA, 2018, p. 42).

O relato perpassa pelas três pistas que o autor nos presenteia não como manual, mas como caminhos possíveis para experienciar a sala de aula, a escola em sua estrutura física, as relações que são estabelecidas valorizando os encontros, como Lima diz:

As “antenas” estiradas do professor-performer ao “captar” tais desvios produzem um fazer que des-automatiza a relação dos corpos com a escola. A sala de aula é vista como um laboratório de experimentações, onde educador e educandos desenvolvem ações que aguçam sua criticidade sobre verdade cristalizadas e práticas enrijecidas. Mais do que afirmações prontas, sobre o sujeito híbrido em análise, lança questões que serão experienciadas através de uma prática guiada pelo fazer “com”. (LIMA, 2018, p. 94).

Nesse fazer “com” me encontro no estado de fazer-ação de uma professora-performer percebendo os desvios, estando atenta e aberta ao outro como forma de afirmar a vida, percorrendo através de caminhos, práticas que alimentam e fortalecem os vínculos potencializando o ensino da arte nessa realidade escolar, dessa forma relacionar a ideia de:

¹¹A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. (BRASIL, 2022).

Essas mudanças de percurso, o conduzem a um não-saber, desafiando-o a continuar sendo aprendiz, pois o mais importante mesmo é movimentar o pensamento, produzindo vida em terrenos áridos. Não estou associando a prática do professor-performer a uma completa negação da sala de aula convencional. Ao vivenciar o desvio, ele reconduz a volta à rotina convencional. Esse retorno não se dá de forma apática, pois os sujeitos pensaram sobre o (im)pensável; o corpo vivenciou relações múltiplas, ampliando suas perspectivas sobre dado objeto. O que se tem é a investigação de práticas inventivas que fazem brotar “jardins no chão da escola”. Há ainda um interesse para que arte e educação estabeleçam uma relação de retroalimentação. Sinto que, em muitos momentos, as atividades burocráticas da instituição despotencializam o artista que sou. Ao confrontar esses dois campos de saberes, invisto o que chamo de “táticas para afirmar a vida”, pois me coloco em uma dinâmica de experimentar procedimentos. (LIMA,2018, p. 94).

Portanto, nessas experiências de afirmações de vida o que prevalece é a linguagem da troca, do conhecimento através das conexões estabelecidas com o discente e para o docente a performance transcende os obstáculos e a realidade escolar alcançando saberes surpreendentes.

CARTA 4: A Arte de ser Docência

De: Jeyssi

Para: Meus professores (as)

Como Começar?

Oi, como vão? A vida hoje está mais tranquila?

Aos meus queridos professores e professoras quero voltar aos anos da minha infância e dizer obrigada.

As lembranças são significativas e retornar potencializa o que quero construir nessa profissão.

Foram segundos, minutos, horas, dias, meses e anos de aprendizagem e ensinamentos dos quais trago a memória. Mas, o que vou contar para vocês vai além...

Das lembranças do ensino regular da 1° série à 4° série, a escola era como um refúgio da realidade. Na época ir à escola para mim era uma festa, eu me programava um dia antes, arrumava os materiais, separava a roupa, sempre acordava cedo, antes mesmo dos meus pais para não perder a hora do ônibus escolar que passava na rua de cima da minha casa.

Por estudar em escola pública ao chegar era servido o leite, o pão ou a bolacha. Depois, ia para a sala de aula antes de tocar o sinal e aguardava ansiosa a chegada da professora. Nós tínhamos uma professora apenas, durante todo o ano letivo. Embora não me recorde mais dos nomes, a fisionomia está guardada.

A professora da 3° série foi minha maior incentivadora dessa época. Ela me conhecia desde o primeiro ano e nas reuniões dos pais sempre falava com a minha mãe sobre mim. Antes de ser minha professora ela sabia que eu gostava de ajudar os professores, e dizia querer que eu entrasse para a turma dela.

Quando iniciei a 3° série fui escolhida como representante da classe e algumas responsabilidades foram atribuídas a mim. Eu me senti importante e por isso nunca faltava. Se eu tivesse que faltar da aula chorava copiosamente, pois meu dia não seria o mesmo sem ir à escola.

Na minha formatura da 4° série quando eu finalizei o ensino fundamental I e tinha que ir para outra escola foi um momento muito difícil, pois eu não queria mudar porque me sentia segura e acolhida pelas professoras (es) que pra mim eram da família.

No ensino fundamental II da 5° série à 8° série já estava ciente da importância dos estudos e me entristecia por não ter professores de todas as matérias, por isso ficava desanimada e não me importava mais com as faltas. Dessa época eu só guardei lembranças de momentos negativos, como cenas de violência entre os estudantes, a falta de respeito de alguns colegas com os professores, principalmente, com os substitutos.

Nessa escola eu entendi o quanto estava sendo prejudicada pela ausência de motivação, uma vez ouvi um estudante falando sobre vestibular e curiosa fui perguntar o porquê e pra que fazer vestibular para a professora de ciências, ela me disse que isso não era pra mim nem pra ninguém daquela escola, pois não tínhamos a capacidade de fazer uma prova como o vestibular, isso me provocou e me levou a buscar mais informações e acendeu o desejo de mudar de escola.

Já no ensino médio, depois de passar por um processo seletivo com prova e avaliação do histórico escolar, eu consegui uma vaga na escola técnica que tinha a melhor nota entre as escolas públicas do estado.

Tudo era novo e muito atrativo, pois eu tinha todos os professores das disciplinas que ficariam durante todo os três anos ministrando aulas, ali formei uma família. Desde a entrada até a sala de aula eu cumprimentava todas as pessoas, conhecia a escola inteira. Na minha turma quando cheguei conversava com todos e cada dia sentava em um lugar diferente.

Eu me recordo do dia 11/11/2011 às 11:11 da manhã quando eu pedi para o professor tirar uma foto da turma eternizando o momento, no último ano. Nesse dia o

professor me falou algo que me marcou, disse: Jeyssi, desde que você chegou nessa escola e nessa turma você uniu as pessoas e transformou essa escola e a todos em uma grande família.

Foram os melhores anos da minha vida, onde eu me apaixonei pela educação naquela escola junto com meus amigos, organizamos eventos culturais, fomos em passeios, participamos de olimpíadas, viajamos e nos desenvolvemos como cidadãos que cuidam e valorizam a escola e todos os que fazem parte dela.

No mesmo ano (2011) eu consegui entrar em um cursinho preparatório para o vestibular oferecido pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) chamado Cuca. Os professores do cursinho eram estudantes da universidade, isso me motivava muito, pois me espelhava neles.

Eu tive que correr atrás e estudar muito, pois não tinha aprendido muita coisa, por exemplo: só no ensino médio eu tive aulas de matemática e inglês, por conta da falta de professores na escola anterior.

Conto essa trajetória para vocês, meus professores no intuito de agradecer, vocês são como os rios que alimentam, que por onde passam inspiram vida, transportam conhecimentos, mudam destinos, e oferecem oportunidades.

Às professoras (es) da graduação quero que saibam que todas as vezes que pensei em desistir eu me recordava de todos os sorrisos, as palavras, a força e o exemplo que vocês me davam todos os dias dentro da universidade, vocês impulsionam gerando vivacidade para as minhas ações.

Araraquara, 09 de setembro de 2022.

Nesta carta, relembro acontecimentos que me trouxeram até aqui uma futura licenciada em dança pela Universidade Federal de Alagoas, com tantas lembranças volto o olhar para as questões que me motivou a escolher o tema dessa pesquisa: O que um licenciado em dança pode fazer? Sendo as minhas experiências um caminho para a atuação de arte-educadora, me questiono: E como me tornar uma professora-performer?

Para responder vou refletir sobre a relação que fiz ao ler as pistas do professor-performer Mauricio Barbosa Lima com a leitura que realizei no segundo período da graduação 2017.2 na disciplina de Profissão docente, do livro Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa de Paulo Freire (2004) um livro marcante que acredito ser essencial para a formação de todos os profissionais

da educação. Um dos trechos que me chamou a minha atenção é quando autor escreve no capítulo 2: Ensinar não é transferir conhecimento o que considero como a pista 2- abertura ao outro para o professor-performer, pois apresenta:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2004, p. 15).

Esse entendimento nos mostra a oportunidade de ver as potencialidades em ebulição ao propor caminhos que deem a liberdade aos estudante de serem criativos nas aulas que planejo, como Lima nos revela neste relato da atividade de produção de um suco proposta na sua aula:

Acho que uma das matérias-primas para o trabalho do professor-performer é um ofertar-se ou outro, criando com ele um “suco” com ingredientes que trazemos de casa (aula planejada, expectativas criadas, conceitos preconcebidos, lugares definidos, funções objetivadas) com aqueles que encontramos no caminho (discentes que ensinam, receita alterada, docente que aprende, histórias compartilhadas, turma em deslocamento pela escola). Quando cada um doa um pouco de si, a promoção dessa aula-suco, é marcada por um fazer “com”, uma criação conjunta em que todos têm o que aprender e o que ensinar. Um sulco é criado, problematizando, dentre outros aspectos, o lugar do docente como aquele que detém o conhecimento. Um efeito dessa fenda é produzido: uma atenuação da relação verticalizada educador-educando. As aulas-su(l)cos relativizam as funções denotativas atribuídas a estes indivíduos, colocando-os em uma dinâmica intempestiva em que não há lugar marcado. (LIMA, 2018, p. 30).

A minha relação com os dois autores, também partiu do planejado para “com” o outro na perspectiva de acreditar e fornecer espaço de desenvolvimento da criatividade a partir do que os estudantes mais gostam de fazer, a minha proposta nas as aulas tinha como ponto de partida as seguintes questões: o que vocês mais gostam de fazer em relação a linguagem artística? o que vocês mais consomem de artes? Sempre exemplificando a arte enquanto música, dança, teatro, pintura, escultura, literatura, cinema, fotografia, histórias em quadrinhos, jogos eletrônicos e arte digital.

Então, como me tornar uma professora-performer? A resposta pode ser: isso não acontece da noite para o dia o caminho é longo e as histórias pessoais, a nossa bagagem transforma o tornar em ser uma professora-performer compreendendo que eu preciso estar sempre em movimento me questionando, aprendendo, me aventurando e percebendo que o modo de ser no mundo apresenta uma maneira de

performar em defesa da arte, da educação do que acredito ser importante ao levar para os estudantes ações que geram vida, e isso é num fluxo contínuo, pois não posso deixar findar essa busca por ser uma professora-performer, no sentido de ter consciência do inacabamento como Freire (2004) ressalta no item 2.1 – Ensinar exige consciência do inacabamento:

Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento. (FREIRE, 2004, p. 16).

No sentido de questionar o que a relação arte-docência gera e contribui para construir essa professora-performer vou ao encontro do que o autor Daniel Munduruku¹² (1964) define como educar:

Educar é um ato heroico em qualquer cultura. Talvez seja pelo fato de que educar exija que a pessoa saia um pouco de si e vá ao encontro do outro; um outro desconhecido; um outro anônimo; um outro que me questiona; um outro que me confronta com meus próprios fantasmas, meus próprios medos, minha própria insegurança. Talvez seja pelo fato de que educar exija sacrifício, exija renúncia de si, exija abandono, exija fé, exija um salto no escuro. (MUNDURUKU, 2020, p. 6).

Nesse ato heroico que é educar, assim como Munduruku diz, também me encontro com o que o educador deve fazer:

O educador tem os pés no chão, mas sua cabeça está sempre nas alturas, porque acredita que quem está à sua frente não é um cliente esperando para ser atendido, mas uma pessoa aguardando orientações para seguir seus passos. Essa é a razão de ser do educador. Essa é sua esperança. E, para isso, o educador precisa ser inteiro, precisa ser completo, precisa estar em sintonia consigo mesmo e com o universo. (MUNDURUKU, 2020, p. 7).

Em sintonia com o que sou artista da dança e professora-performer construir um pensamento acerca das habilidades pré-definidas no Currículo Paulista¹³ no

¹²Nasceu em Belém- PA (1964), filho do povo Indígena Munduruku. Formado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia, integrou o programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na USP. Lecionou durante dez anos e atuou como educador social de rua pela Pastoral do Menor de São Paulo. Esteve em vários países da Europa, participando de conferências e ministrando oficinas culturais para crianças. (MUNDURUKU, 2022).

¹³O Currículo Paulista tem por objetivo melhorar da qualidade da Educação Básica no Estado de São Paulo através de orientações para a aprendizagem dos estudantes através da elaboração de Cadernos do Aluno e do Professor, os quais seguem as competências gerais e discriminadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologada em 20 de dezembro de 2017, bem como os currículos e as orientações curriculares das redes de ensino públicas e privadas. O Currículo Paulista define e explicita, a todos os profissionais da educação que atuam no Estado, as competências e as habilidades essenciais para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos estudantes paulistas e considera sempre sua formação integral na perspectiva do desenvolvimento humano. (SÃO PAULO, 2020).

planejamento das atividades propostas em sala de aula. Primeiro faço o recorte do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Professora Letícia de Godoy Bueno Carvalho Lopes, onde foi realizado o projeto videoarte presume que:

Visa-se propiciar à criança e ao adolescente a oportunidade de explorar e descobrir as possibilidades do seu corpo, de sua mente, das suas relações e interações com outros sujeitos do espaço escolar e, por meio disso, desenvolver a sua capacidade de observar, descobrir e pensar, de forma que aprenda a “fazer”, a “ser”, a “conviver” e a “conhecer”. Para isso, as atividades escolares deverão ser programadas de forma a articular o conteúdo com os objetivos a serem alcançados pela escola, de forma contextualizada e interdisciplinar. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2022, p 4).

Desse modo, nos três momentos da aula que relatei, associo a capacidade do fazer com o momento da prática, da ação de elaborar o roteiro, registrar e filmar o vídeo, tal qual o momento da chegada com a experiência de ser com conviver compartilhando o momento de atenção e presença com todos e por fim o estudo que realizamos a partir da leitura do material didático da Oficina de Vídeo da apostila do Senac São Paulo, sendo a prática pedagógica do projeto articulada com outras disciplinas tais como: língua portuguesa e educação física. Pois, as habilidades trabalhadas se relacionam, de acordo com:

O Currículo Paulista para o Ensino Médio da área de Linguagens e suas Tecnologias segue as diretrizes propostas pela BNCC. As aprendizagens previstas para o Ensino Fundamental devem ser consolidadas e ampliadas nesta etapa. Os componentes para a área – Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa – devem observar a garantia do trabalho organizado nas competências e habilidades que sugerem a integração entre elas. (SÃO PAULO, 2020, p. 49).

Trabalhamos as habilidades:

- (EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético e criativo.
- (EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.

Articulando essas habilidades no projeto videoarte, os estudantes experimentaram o processo de criação colaborativa utilizando as tecnologias digitais de forma ética e criativa, expressando as suas ideias através das criações artísticas realizadas durante as dez semanas que estivemos juntos.

Finalizo voltando ao questionamento principal: o que o egresso de licenciatura em dança da Universidade Federal de Alagoas pode fazer? Pode fazer tudo o que se propor atentos e sensíveis ao campo que está inserido, sendo na arte-docência, na prática de um bailarino intérprete-criador preparados a mergulharem na pesquisa, na busca do conhecimento e afirmo com o recorte da minha primeira experiência da arte-docência foi vivenciar esse projeto relacionado com as práticas na graduação, concluo que a grade curricular foi elaborada para formar um licenciado completo e qualificado para atuar no âmbito escolar.

CARTA 5: De discente para docente

De: Emily da Silva Silvestre, 16 anos

Para: Jeyssi

Oi Jey! Aqui vai minha experiência com o trabalho do ano passado!

Sobre o processo de criação foi mais rápido, eu já tinha a ideia na cabeça desde que eu comecei a me interessar por coreografia e temas para espetáculos.

Com a ajuda dos meus amigos ficou ainda mais fácil tirar a ideia do papel. Pensamos nos figurinos, nos lugares para gravar e toda a experiência foi incrível, tiramos um dia para a gravação e andamos muito na procura do lugar perfeito e da luz perfeita. Ficamos irritados com um moço do DAAE, machuquei meu dedinho com a minha sapatilha de ponta, rimos muito para fazer a cena final porque a gente tinha que se encarar e isso para nós foi uma tarefa quase impossível, mas foi e conseguimos!

O tema é uma adaptação de uma história autoral minha!

Se trata sobre um reino que se encontra em caos, diz uma lenda que a estrela mais alta em um monte protegida por uma deusa seria capaz de salvá-los, com esperança de um mundo melhor uma princesa e seu melhor amigo saem em busca deste tesouro, mas alguém tem que ficar pra sempre no monte em troca da estrela e então a princesa fica, mas será que foi para sempre?

Araraquara, 11 de novembro de 2022.

Como afirmação de vida, o relato acima da estudante nos revela um outro olhar sobre as realizações desse projeto. Ao ler a carta vejo que a tática para afirmar a vida é um caminho onde vamos encontrar as pedras, as dificuldades e isso é

inevitável, porém a realização acontece imersa na vontade de produzir e realizar o que foi pensado, esse é o processo que caracteriza o ser professora-performer.

Para concluir o pensamento sobre o processo e como se dá a investigação das pistas sobre o professor-performer Lima nos diz:

A investigação de pistas sobre o professor-performer, nessa pesquisa, não busca legitimar esse sujeito híbrido a partir de um perfil bem definido, mas de mapear práticas, identificando alguns pontos de contato e de distanciamento. Isso porque percebi, durante a investigação, que são proposições bastante diferenciadas, valorizando mais o processo que os levou a tal consideração do que o produto que surge de seu fazer. (LIMA, 2018, p. 95).

A partir dessa carta encontro a minha resposta para o que uma egressa do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal de Alagoas pode fazer? Pode voltar ao seu estado de origem, levando as experiências de um curso poderoso e transformador e tem a possibilidade de escolha para atuar na arte-educação como uma professora-performer.

Portanto, me identifico como professora-performer diante as realizações dentro da escola pública com a proposta pedagógica concebida a partir da afetação e da percepção que a sala de aula proporciona, com os encontros e as microrrelações entre docente e discentes, fazendo com que a arte impulse a vida ao dar vez e voz aos estudantes em suas realidades sociais, protagonistas de seus projetos e partícipes da comunidade escolar, realizando um proposta simples e potente como afirmação de existência e resistência ao ligar a câmera do celular e deixar fluir a criatividade.

Colapsar: A Revelação Final

Colapsar a insegurança e as estruturas que me envolvem e tentam me deslegitimar, a performance do afeto: cartas de uma professora negra, é um afetar e deixar ser afetado, é ser e estar, é presença, é diálogo, é propor criar e gerar. O afeto é subordinado ao amor, amor de ser mulher, amor de ser negra, amor de ser movedora, amor de ser professora, amor de ser encontro, amor de ser professora-performer.

Meu desejo é que todos possam compreender essa revelação como uma explosão que reverbera, pois, esse trabalho tem um significado muito maior do que apenas para a obtenção de um título, é um ato de resistência em defesa do curso de licenciatura em dança na Universidade Federal de Alagoas para que seja evidenciado na comunidade acadêmica como promotor de saberes e pesquisa científica é a maneira de defender a minha profissão.

Desde a primeira carta onde contextualizei quem sou, uma pessoa que abraçou a única oportunidade de mudança, através da dança, das artes, da valorização da cultura e pôde experimentar toda a capacidade de transformação até a última carta onde identifico que o meu fazer profissional é de uma professora-performer, artista da dança e mulher negra.

A importância dessa escrita é tamanha que me faz recordar da emoção do meu pai que aos quarenta anos de idade entrou pela primeira vez no teatro municipal para assistir ao espetáculo que dancei de encerramento anual da escola municipal de dança Iracema Nogueira.

Sinto a mesma sensação de satisfação daquele dia ao escrever todas as cartas no intuito de afirmar a potência que é ser pesquisadora da dança dentro da universidade pública no nordeste do país, mesmo sendo uma emigrante entendendo a riqueza que estar nesse lugar, produzindo conhecimento, compartilhando saberes e com a certeza de que onde eu estiver serei capaz de fazer o que eu escolhi como profissão uma arte-educadora licenciada em dança.

Retomo uma das questões que ficou para ser respondida: como posso fazer do meu trabalho docente uma obra de arte? Talvez ainda precise vivenciar mais a sala de aula para responder com clareza, entretanto posso compartilhar o que essa pesquisa reverberou no meu fazer artístico com a processo criativo em dança contemporânea a partir da improvisação dessa professora-performer que se inspira na escrita poética desse trabalho.

Utilizando os objetos cênicos lápis de escrever com borracha na ponta, folhas recicladas, tinta preta e pincel fino, dispostos no proscênio, vou dançar com as cartas propondo ao público que escreva também uma carta. Embora ainda não tenha dançado as cartas de uma professora negra, é um processo criativo em dança contemporânea em construção.

Por fim, colapsando através de manifestações pedagógicas, artísticas e sociais a futura licenciada em dança que vos escreve acredita na arte- educação como o caminho para contribuir com a sociedade sendo uma forma de revolução ser uma professora-performer atuante nas escolas públicas do Brasil.

REFERÊNCIAS

BIOGRAFIA. Darcy Ribeiro. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/darcy-ribeiro/biografia> Acesso em: 03 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br> Acesso em: 10 out. 2022.

BRASIL. Salto para o Futuro: Construindo a escola cidadã, projeto político-pedagógico. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.

CIOTTI, Naira; MOREIRA, Vicente Martos. O Giz da Escola da Performance. **Revista Moringa-Artes do Espetáculo**, João Pessoa, UFPB, v.9 n. 1, p 31 a 42, jan./jun., 2018.

EGA, Françoise. **Cartas a uma negra**. São Paulo: Todavia, 1º ed, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FACEBOOK. Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira. <https://www.facebook.com/EscolaMunicipalDeDancaIracemaNogueira/> Acesso em: 02 nov. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. Grada Kilomba. 2022. Disponível em:
<https://www.cobogo.com.br/grada-kilomba> Acesso em: 02 nov. 2022.

MILLER, Jussara; NEVES, Neide. **Técnica Klauss Vianna – consciência em movimento**. Revista Lume n° 3, 2013.

MILLER, Jussara; NEVES, Neide. **Técnica Klauss Vianna- Consciência em Movimento**. Revista do Lume, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais- Unicamp, n. 3, set. 2013.

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo: sistematização da técnica de Klauss Vianna**. 2 ed. São Paulo: Summus, 2007.

LIMA, Mauricio Barbosa de. **Ensaio sobre a prática desviante do professor-performer no cotidiano escolar**. 2018. 191 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

MARQUES, Isabel A. Projeto Dança-Escola. **Dialogando com o corpo, a arte e a educação**, 1997.

MUNDURUKU, Daniel. **Sobre saberes e utopias** - 2. ed. ampl. e atual. - Lorena: UK'A, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. Disponível em:
<https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=1000>
Acesso em: 14/11/2022.

OLIVEIRA, Michael. Sobre Michael Oliveira. Blog. 2019. Disponível em:
<https://www.michaeloliveira.com.br/quem-e-michael-oliveira/> Acesso em: 02 nov. 2022.

PEREIRA, Marcos Villela. **Educação e arte: a consolidação de um campo interminável**. 31a Reunião Anual da ANPED, Caxambu 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Dança. 2019.

RIBEIRO, Márcia Maria Gurgel. **Prática como Componente Curricular**. Centro de Educação Universidade Federal do Rio Grande do Norte FORUMDIR.

RODA VIVA. Darcy Ribeiro, 1995. YouTube, 2019. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=AAFzOemlAbg> Acesso em: 08 ago. 2022.

RIBEIRO, DAJAMILA. Disponível em:
<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=05934> Acesso em: 01 nov. 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPIVAK, G. C. Literatura. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 19, p. 9–53, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644578>. Acesso em: 21 nov. 2022.

SACCON, Lucas. Fotoperformance. Blog. 2022. Disponível em: <https://dannybittencourt.com/interesse/fotoperformance/> Acesso em: 02 nov. 2022.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do estado de São Paulo. Novo currículo paulista. 2020. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/coped/ensino-na-rede/novo-curriculo-paulista> Acesso em: 14 nov. 2022.

TUOTO, Arthur. O que é videoarte? 14/02/2022 Disponível em: <https://arthurtuoto.com/2022/02/14/o-que-e-videoarte/> Acesso em: 02 nov. 2022.

VIEIRA, Marcilio de Souza. O sentido do ensino da dança na escola. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 103-121, maio/ago. 2007.

XAVIER, Jussara Janning. O que é a dança contemporânea? **O Teatro Transcende**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 35-48, jul. 2011. ISSN 2236-6644.

WILDHAGEN, Joana Pinto. **Corpo, gesto e meditação: práticas de aperfeiçoamento na pedagogia do artista cênico**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 3° ed. rev. Autores Associados - Campinas, SP, 2006.